



Alberto Cairo: Não há farrapos humanos

FILMED NOV 2011 • POSTED DEC 2011

Estou no Afeganistão há 21 anos. Trabalho para a Cruz Vermelha e sou fisioterapeuta. O meu trabalho consiste em fazer braços e pernas -- bem, isso não é completamente verdade. Nós fazemos mais do que isso. Proporcionamos aos doentes, afegãos incapacitados, primeiro, reabilitação física, depois, reintegração social. Trata-se de um plano muito lógico, mas não foi sempre assim.

Durante muitos anos, apenas lhes fornecíamos membros artificiais. Levou muitos anos até que o programa se tornasse naquilo que é agora.

Hoje, gostaria de vos contar uma história, a história de uma grande mudança, e a história das pessoas que tornaram esta mudança possível. Cheguei ao Afeganistão em 1990 para trabalhar num hospital para vítimas de guerra. E depois, não só para vítimas de guerra, mas para todo o tipo de doentes. Eu estava também a trabalhar no centro ortopédico, como lhe chamamos. Este é o local onde fazemos as pernas. Naquela altura encontrava-me numa situação estranha. Não me sentia inteiramente preparado para aquele trabalho. Havia tanto para aprender. Havia tantas coisas que eram novas para mim. Mas era um trabalho incrível. Mas assim que os combates se intensificaram, a reabilitação física foi suspensa. Havia muitas outras coisas para fazer. Portanto, o centro ortopédico foi fechado porque a reabilitação física não era considerada uma prioridade. Era uma sensação estranha. De qualquer modo, sabem, sempre que faço este discurso -- não é a primeira vez -- emocionono-me. É algo que vem do passado. Foi há 21 anos, mas eles ainda estão cá todos.

De qualquer modo, em 1992, os Mujahidin tomaram todo o Afeganistão. E o centro ortopédico foi encerrado. Eu fui encarregado de trabalhar com os sem-abrigo, com as pessoas deslocadas. Mas um dia, algo aconteceu. Eu estava a regressar de uma grande distribuição de alimentos numa mesquita onde dezenas e dezenas de pessoas se acocoravam em condições terríveis. Eu queria ir para casa. Estava a guiar. Sabem, quando queremos esquecer, não queremos ver coisas, queremos apenas ir para o nosso quarto, fecharmo-nos lá dentro e dizer: "Basta." Uma bomba caiu não muito longe do meu carro --bem, longe o suficiente, mas com grande estrondo. E, toda a gente desapareceu da rua. Os carros também desapareceram. Eu abaixei-me. E apenas uma figura permaneceu no meio da estrada. Era um homem numa cadeira de rodas tentando desesperadamente fugir.

Bem, eu não sou uma pessoa particularmente corajosa, tenho que confessá-lo, mas não podia simplesmente ignorá-lo. Por isso, parei o automóvel e fui ajudar. O homem não tinha pernas e tinha apenas um braço. Atrás dele havia uma criança, o seu filho, com o rosto vermelho do esforço de empurrar o pai. Então, levei-o para um lugar seguro. E perguntei: "O que é que está a fazer aqui na rua, numa situação destas?" "Estou a trabalhar", disse ele. Eu pensei: "Que trabalho?" E então fiz uma pergunta ainda mais estúpida: "Por que razão não tem as próteses? Por que não tem as pernas artificiais?" E ele disse: "A Cruz Vermelha fechou." Bem, sem pensar, eu disse-lhe: "Venha amanhã. Vamos arranjar-lhe um par de pernas." O homem -- o seu nome era Mahmoud --, e a criança, que se chamava Rafi, partiram. E então eu disse: "Oh, meu Deus. O que fui eu dizer? O centro está fechado, não há pessoal. Talvez as máquinas estejam avariadas. Quem é que lhe vai fazer as pernas?" E tive esperança de que ele não viesse. Isto são as ruas de Kabul naquela época. Então, eu disse: "Bem, vou dar-lhe algum dinheiro."

E, assim, no dia seguinte fui ao centro ortopédico. E falei com o porteiro. Eu estava pronto para lhe dizer: "Escute, se alguém assim e assim vier amanhã, por favor diga-lhe que foi um



engano. Não podemos fazer nada. Dê-lhe algum dinheiro." Mas o Mahmoud e o filho já lá estavam. E não estavam sozinhos. Havia 15, talvez 20 pessoas como ele à espera. E também havia algum pessoal. Entre eles, estava o meu braço direito, Najmuddin. E o porteiro disse-me: "Eles vêm todos os dias, para ver se o centro abre." Eu disse: "Não. Temos de nos ir embora. Não podemos ficar aqui." Estavam a bombardear -- não muito perto, mas podia ouvir-se o estrondo das bombas. Portanto, "Não podemos ficar aqui, é perigoso. Não é uma prioridade." Mas Najmuddin disse-me: "Escute, nós estamos aqui. Pelo menos podemos começar a reparar as próteses, as próteses partidas das pessoas e talvez tentar fazer alguma coisa por pessoas como Mahmoud." Eu disse: "Não, por favor. Não podemos fazer isso. É mesmo perigoso. Temos outras coisas para fazer." Mas eles insistiram. Quando se tem 20 pessoas à nossa frente, olhando para nós e quando somos nós que temos que decidir...

Então começámos a fazer algumas reparações. Também, um dos fisioterapeutas informou que o Mahmoud podia receber uma perna, mas não imediatamente. As pernas estavam inchadas e os joelhos estavam rígidos, pelo que necessitaria de uma longa preparação. Acreditem-me, eu estava preocupado porque estava a infringir as normas. Estava a fazer algo que não devia. À noite, fui falar com os chefes, na sede, e disse-lhes -- menti --, disse-lhes: "Escutem, vamos começar, durante algumas horas por dia, apenas com algumas reparações." Talvez alguns deles estejam aqui agora.

(Risos)

Portanto, começámos. Eu estava a trabalhar, ia todos os dias trabalhar com os sem-abrigo. E Najmuddin ficava lá, a fazer tudo e a receber os pacientes. Ele dizia-me: "Os pacientes estão a vir." Nós sabíamos que muitos mais pacientes não podiam vir, impedidos pelos combates. Mas as pessoas vinham. E Mahmoud vinha todos os dias. E lentamente, lentamente, semana após semana as suas pernas iam melhorando. O coto ou molde das próteses foi feito, e ele estava a começar a verdadeira reabilitação física. Ele vinha todos os dias, atravessando a linha da frente. Algumas vezes atravessassei a linha da frente exactamente no sítio onde Mahmoud e o filho atravessavam. Digo-vos, era algo tão sinistro que eu ficava espantado como ele conseguia atravessá-lo todos os dias.

Mas finalmente chegou o grande dia. Mahmoud ia receber alta com as suas pernas novas. Foi em Abril, recordo-me, num dia lindíssimo. Abril, em Kabul, é lindo, cheio de rosas, cheio de flores. Não podíamos permanecer no interior, com todos aqueles sacos de areia nas janelas. Era muito triste, escuro. Por isso, escolhemos uma pequena área no jardim. E Mahmoud colocou as suas próteses, os outros pacientes fizeram o mesmo, e começaram a treinar pela última vez antes de terem alta.

De repente, começaram os combates. Dois grupos de Mujahidin começaram a lutar. Podíamos ouvir as balas a passar no ar. Por isso, precipitámo-nos, todos nós, em direcção ao abrigo. Mahmoud agarrou o filho, eu agarrei outra pessoa. Todos agarraram alguma coisa. E corremos. Sabem, 50 metros podem ser uma longa distância quando se está totalmente exposto, mas conseguimos alcançar o abrigo. Lá dentro, todos a arfar, sentei-me por um momento e ouvi o Rafi a dizer ao pai: "Pai, consegue correr mais depressa do que eu." (Risos) E Mahmoud: "Claro que consigo. Consigo correr, e agora tu podes ir para a escola. Não precisas de ficar comigo o dia todo a empurrar a minha cadeira de rodas." Mais tarde, levámo-los a casa. E nunca esquecerei Mahmoud e o filho a caminhar juntos, empurrando a cadeira de rodas vazia. E então compreendi que a reabilitação física é uma prioridade. A dignidade não pode esperar por melhores dias.

A partir desse dia, não fechámos um único dia. Bem, às vezes suspendíamos durante algumas horas, mas nunca, nunca mais voltámos a fechar. Encontrei Mahmoud um ano mais



tarde. Estava em boa forma -- um pouco mais magro. Precisava de mudar as próteses -- um novo par de próteses. Perguntei-lhe pelo filho. Disse-me: "Está na escola. Está a sair-se bastante bem." Mas compreendi que ele queria dizer-me qualquer coisa. Por isso, perguntei-lhe: "O que se passa?" Ele estava a transpirar. Estava claramente embaraçado. E estava de pé, diante de mim, de cabeça baixa. Disse: "O senhor ensinou-me a andar. Muito obrigado. Agora, ajude-me a não ser um mendigo nunca mais." Era esse o trabalho dele. "Os meus filhos estão a crescer sinto-me envergonhado. Não quero que os outros alunos façam pouco deles na escola." Eu disse-lhe: "Está bem." Pensei: "Quanto dinheiro tenho na minha algibeira?" Apenas para lhe dar algum dinheiro. Era a solução mais fácil. Ele leu-me o pensamento e disse: "Estou a pedir-lhe um trabalho." E então acrescentou uma coisa que me recordarei para o resto da vida. Disse: "Sou um farrapo humano, mas se me ajudar estou pronto a fazer seja o que for, mesmo que tenha de rastejar pelo chão." E então sentou-se. Sentei-me também, completamente arrepiado.

Sem pernas, com um braço apenas, analfabeto, sem preparação -- que trabalho poderia ter para ele? Najmuddin disse-me: "Bem, temos uma vaga na carpintaria." "O quê?", disse eu. "Pára." "Bem, sim, precisamos de aumentar a produção de pés. Precisamos de contratar alguém para colar e atarraxar a sola dos pés. Precisamos de aumentar a produção." "Desculpa?" Eu não podia acreditar. E a seguir ele disse: "Não, podemos modificar a bancada talvez colocar um banco especial, uma bigorna especial, um torno especial, e talvez uma chave de fendas eléctrica." Eu disse: "Isso é uma loucura. E é até cruel, pensar em algo semelhante. É uma linha de produção e uma linha muito rápida. É cruel oferecer-lhe um trabalho sabendo que ele não vai conseguir cumprir." Mas com o Najmuddin não se pode discutir. Assim, a única coisa que consegui obter foi uma espécie de compromisso. Apenas uma semana -- uma semana à experiência e nem mais um dia. Uma semana depois, Mahmoud era o mais rápido na linha de produção. Eu disse ao Najmuddin: "É um truque. Não posso acreditar." A produção tinha aumentado 20%. "É um truque, é um truque," disse eu. E então pedi que verificassem. Era verdade.

O comentário de Najmuddin foi que Mahmoud tinha alguma coisa a provar. Compreendique, mais uma vez, eu estava enganado. Mahmoud parecia estar mais alto. Recordo-o sentado atrás da bancada a sorrir. Era um novo homem, mais alto outra vez. Evidentemente, compreendi que o que o fez erguer-se -- sim, foram as pernas, muito obrigado -- mas como um primeiro passo, foi a dignidade. Ele recuperou inteiramente a sua dignidade graças àquele trabalho. Portanto, evidentemente, compreendi. E então começámos uma nova política -- uma nova política completamente diferente. Decidimos empregar tantas pessoas com deficiência quanto possível para as treinar em quaisquer trabalhos possíveis. Tornou-se uma política de "discriminação positiva," como agora lhe chamamos.

E sabem que mais? É bom para toda a gente. Todos beneficiam com isso -- os que são contratados, com certeza, porque conseguem um emprego e dignidade. Mas também os recém-chegados. Todos os anos, há 7.000 pessoas a chegar pela primeira vez. E deviam ver os rostos dessas pessoas quando se apercebem de que aqueles que os auxiliam são como eles. Às vezes observamo-los, eles olham, "Oh". E vemos os rostos. E depois a surpresa transforma-se em esperança. E para mim também é fácil treinar alguém que já tenha passado pela experiência da incapacidade. Puf, aprendem muito mais depressa -- a motivação, a empatia que conseguem estabelecer com o doente é completamente diferente, completamente. Os farrapos humanos não existem.

Pessoas como Mahmoud são agentes de mudança. E quando começamos a mudar, não conseguimos parar. Portanto, empregar pessoas, sim, mas também começámos a planear



projectos de micro-finança, educação. E quando se começa não se consegue parar. Portanto, fazemos formação profissional, educação em casa para aqueles que não podem ir à escola. A fisioterapia pode ser feita, não só no centro ortopédico mas também nas casas das pessoas. Há sempre uma maneira melhor de fazer as coisas. É Najmuddin, o de casaco branco. O terrível Najmuddin, é aquele. Eu aprendi imenso com pessoas como Najmuddin, Mahmoud, Rafi. São os meus professores.

Eu tenho um desejo, um grande desejo, de que esta forma de trabalhar, esta forma de pensar, seja implementada noutros países. Há muitos países em guerra, como o Afeganistão. É possível e não é difícil. Tudo o que temos de fazer é prestar atenção às pessoas que devemos ajudar, torná-las parte do processo de tomada de decisões e depois, claro, adaptar. Este é o meu grande desejo.

Bem, não pensem que as mudanças no Afeganistão terminaram; de maneira nenhuma. Vamos continuar. Recentemente demos início a um programa um programa desportivo --basquetebol em cadeira de rodas. Transportamos as cadeiras de rodas para todo o lado. Temos várias equipas na maior parte do Afeganistão. No início, quando Anajulina me disse: "Gostaríamos de arrancar com isto" eu hesitei. Disse: "Não." Podem imaginar. Disse: "Não, não, não, não, não podemos." E depois fiz a pergunta habitual: "É uma prioridade? Será mesmo necessário?" Bem, agora deviam ver-me. Nunca perco uma única sessão de treino. Fico muito nervoso na noite anterior a um jogo. E deviam ver-me durante o jogo. Grito como um verdadeiro italiano.

(Risos)

E a seguir? Qual será a mudança seguinte? Bem, ainda não sei, mas tenho a certeza de que Najmuddin e os amigos já a têm em mente.

Esta foi a minha história. Muito obrigado.

(Aplausos)